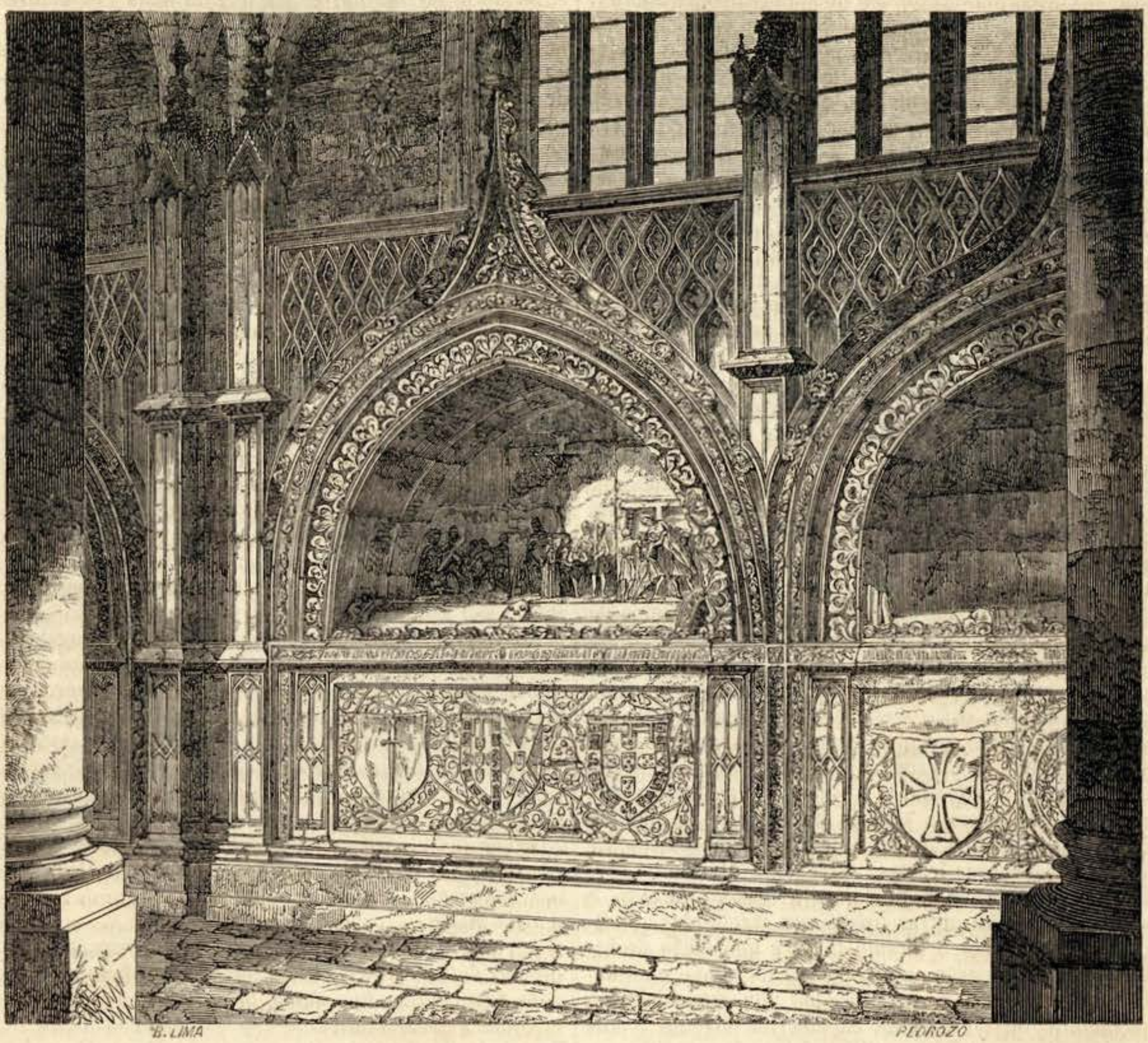


Interior da capella sepulchral do Fundador, na egreja da Batalha

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 195)

VII

CAPELLA DO FUNDADOR

A sumptuosa capella sepulchral, chamada *do Fundador*, por ser o jazigo de D. João I e de sua mulher e filhos, ergue-se ao lado da egreja, no mesmo alinhamento do frontispicio d'esta [1]. É uma obra magnifica, e tão formosa e esbelta no exterior como no interior.

A perfeita harmonia que reina entre a sua architectura e a do templo, prova de sobejo, sem ser preciso recorrer a documentos, que pertencem á mesma epocha e tiveram por auctor o mesmo architecto.

Quando el-rei D. João I fez o seu testamento, em 1426, ainda esta capella não se achava concluida, pois que este soberano, dispondo no dito testamento o logar em que havia de ser lançado o seu corpo, determina que seja a capella-mór da egreja, onde tinha sido depositada a rainha D. Filippa, sua mulher, ou *a outra* (diz el-rei) *que nós ora mandâmos fazer, depois que for acabada*. Devia-se, porém, concluir em vida d'este monarcha, por quanto, fallecendo d'ahi a sete annos, em 1433, no anno seguinte foi o seu corpo trasladado da capella-mór, onde estava depositado, depois de ter tido o seu primeiro deposito na sé de Lisboa, para a capella do Fundador, e ahi foi collocado, conjunctamente com o da rainha D. Filippa, em o mausoléo que lhes estava destinado.

Compõe-se a capella ao presente de dois corpos, mas primitivamente constava de tres.

O primeiro fórma um quadrado na projecção horisontal, tendo em cada uma das tres fachadas que olham para oeste, sul e éste, tres grandes e formosas janellas. Pelo lado do norte, onde tem a porta, pega com a egreja, e occupa o espaço de tres janellas da nave lateral. É guarnecido este corpo, na parte superior, de uma renda de pedra, egual á que faz coroa ao templo, com suas pyramides correspondentes aos gigantes que fortalecem as paredes entre as janellas.

O segundo corpo levanta-se no centro da abobada do primeiro, servindo de cúpula para dar mais luz á capella. É, por conseguinte, muito mais pequeno, e de fórma octangular, com uma brincada janella em cada uma das oito faces. Tambem tem gigantes entre as janellas, e por cima a mesma guarnição de renda e pyramides. É ainda, além d'isso, é cercada esta fa-

[1] Vid. as gravuras a pag. 1, 5 e 53.

brica com gigantes, ou botaréos, vasados e abertos em quarto de circulo, e guarnecidos de recortes, de modo que, sendo postos alli para firmeza d'este segundo corpo, servem-lhe ao mesmo tempo de adorno.

Este corpo oitavado está coberto com telhões de pedra, mas outr'ora era aberto, porque sobre elle se elevava a muita altura uma grande pyramide, ou coruchéo, todo vasado no interior, e exteriormente lavrado em graciosas esculpturas, que iam terminar em um enfeite a modo de plumas. Este terceiro corpo, que tanto realce dava, por sua elegancia e belleza, ao resto do edificio, desabou por effeito de um terremoto. Aqui juntâmos o desenho d'elle, tal qual era, copiado de uma gravura do citado livro do architecto Murphy.

A magnificencia interior excede muito a exterior. Servir-nos-hemos aqui das palavras de fr. Luiz de Sousa, não só porque ellas pintam as mais das vezes o que descrevem como se fossem pinceis molhados em vivas côres, discorrendo por cima da téla, mas tambem porque são modêlo de linguagem classica:

«É uma grande sala quadrada de noventa palmos por cada lado, fabricada da mesma sorte de cantaria da egreja, e coberta de abobada, com um zimborio, que artificiosamente nasce do meio d'ella, sobre oito pilares, como a effeito de metter mais luz dentro, mas na verdade para lustre e magestade da capella, e juntamente estribo da abobada; porque sóbe em grande altura em fórma oitavada e trinta e oito palmos de diametro, seguindo a situação das columnas, e fazendo duas faces do mesmo lavor e feitio, uma para dentro e outra para fóra; e vae vasado todo em roda até á mais alta parte d'elle em frestas mui rasgadas e grandes, e tão largas, como é cada parte do oitavado, e todas são cerradas com suas vidraças, como as da egreja e capella, e n'ellas se vêem debuxadas as armas do reino e divisas do rei que as mandou fazer. E porque o zimborio se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas, corre uma divisão ou cordão de cantaria em redondo, para firmeza da obra, e sobre elle sobem outras frestas em direito das que ficam debaixo com o mesmo lavor e guarnição de vidraças e illuminação, até pegarem na chave onde fecha toda a obra, a qual fica tão alta, que d'ella ao pavimento ou lageado da capella ha noventa e dois palmos. Este zimborio, assim feito, faz pavilhão a duas sepulturas e um altar, que ao justo lhe ficam debaixo, e entre as columnas em que estriba.»

Estas sepulturas de que falla o chronista são del-rei D. João I e da rainha D. Filippa, sua mulher. Antes de nos occuparmos d'ellas trataremos das dos infantes seus filhos, que estão em volta da capella.

Na parede do lado do sul, que é a que fica fronteira á porta da capella, abrem-se quatro arcos, todos lavrados na parte posterior com diversidade de lavores, e taes quaes se vêem representados na gravura que precede este artigo. Estão mettidos n'estes arcos quatro mausoléos.

No primeiro, começando a contar do lado de oeste, estão dois sepulchros a par um do outro. No da parte de fóra jaz o infante D. Pedro, duque de Coimbra, e regente do reino na menoridade de seu sobrinho e genro, el-rei D. Affonso V. Foi o terceiro filho del-rei D. João, *de Boa Memoria*, mas immediato ao infante D. Duarte, que succedeu na corôa [1]. O sepulchro da parte interior do arco encerra as cinzas da infanta D. Isabel de Aragão, filha de D. Jayme, conde de Urgel, e mulher do dito infante D. Pedro.

Sobre a tampa vêem-se os brazões d'armas dos dois conjuges: o do infante consta das quinas reaes sobre a cruz de Aviz, com a orla dos castellos, tendo cortados os superiores com o banco de pinchar, distinctivo dos infantes: o de D. Isabel é um escudo bipartido, estando n'elle á direita o brazão do esposo, e á esquerda o seu, que se compõe de barras e escaques.

Na face do tumulo estão tres brazões em relêvo entre variados desenhos. O do centro é do infante, na fórma mencionada, só com a differença de ter por cima o braço de uma balança, cujos pratos pendem de um e outro lado do escudo. Em vez de elmo, ou corôa, tem uma touca ornada de pedras e flores, especie de turbante, a que chamavam *fóta*, de que o infante usava em vida. Os outros dois brazões são: um de D. Isabel, tal qual se acha na tampa; o outro é o da ordem da Jarreteira, de que o infante D. Pedro foi cavalleiro, e consiste em um escudo com a cruz, divisa e letra da ordem.

No friso superior do tumulo corre uma graciosa cercadura de troncos e folhagens, tudo em relêvo, deixando ler nos claros a palavra franceza *désir*, que significa desejo, muitas vezes repetida, que era a letra ou mote do infante.

No segundo arco está o mausoléo do infante D. Henrique, duque de Viseu, senhor da Covilhã, governador da ordem de Christo, e illustre iniciador dos descobrimentos dos portuguezes. Avulta sobre a tampa a estatua do infante, vestido de armas brancas, e com uma touca, ou fóta, na cabeça. Descança esta sobre uma almofada, e debaixo de um baldaquino vasado, e aberto em rendas com delicados lavores.

No friso resalta da pedra por entre a folhagem a letra do infante em mau francez: *Talant de bien fere*, com a qual exprimia o seu animo de bem fazer. Por baixo do friso lê-se o seguinte epitaphio, gravado em letra allemã minuscula, em uma só linha, a todo o comprimento do mausoléo:

Aqui jaz o muito alto e muito honrado senhor, o Ifante dom amrique governador da ordem da cavallaria de no...........om Joham e rainha philipa, que aquy jazem nesta capella, cujas almas Deus por sua merce aja, o qual se finou em............na era de mil e............

A primeira lacuna que se acha na inscripção é resultado de falha na pedra. As letras que faltam deveriam ser: *sso senhor Jesus Christo, filho del-rei D.*

A outra lacuna attribue-a o cardeal patriarcha D. Francisco de S. Luiz, na sua citada *Memoria*, a ser preparada a pedra e esculpida a inscripção em vida do infante, e a terem-se esquecido de gravar o dia, mez e anno do fallecimento do principe, que succedeu a 13 de novembro de 1460.

A face do tumulo é decorada tambem com tres escudos entre ramagens e fructos. O escudo do meio é o brazão d'armas do infante, egual ao de seu irmão, D. Pedro, menos na balança. O escudo da direita tem a cruz da ordem da cavallaria de Jesus Christo, de que o infante era mestre. O escudo da esquerda ostenta a cruz, divisa e letra da ordem da Jarreteira.

Seguem-se no terceiro arco os tumulos do infante D. João, condestavel de Portugal, e mestre da ordem de S. Thiago; e da infanta D. Isabel, sua mulher, filha de D. Affonso, conde de Barcellos, e 1.º duque de Bragança.

A frente do mausoléo é ornada egualmente com tres escudos em fundo coberto de silvados, e umas bolsas, cada uma com tres vieiras, allusivas á ordem de S. Thiago. O escudo do centro é o brazão de D. Isabel. É bipartido, tendo de um lado as armas de seu marido, e do outro as suas proprias, que são os cinco escudetes das quinas sobre duas palas em aspa. O escudo da esquerda é o brazão do infante, egual ao de seu irmão D. Henrique. E o escudo da direita tem a espada da ordem de S. Thiago. Por entre as folhagens do friso apparece a letra *Je ai bien raison*, que quer dizer: Tenho boa razão.

No fundo do arco resaltam da parede tres grupos

[1] O primogenito, chamado D. Affonso, morreu de dez annos de edade, e jaz na sé de Braga em tumulo de bronze.

de figuras em relêvo inteiro, mas de mau desenho e de grosseira esculptura. Representam tres passos da paixão de Jesus Christo. O grupo da extrema direita mostra o Senhor caminhando para o Calvario com a cruz ás costas, e caído por terra. O grupo do centro representa o Salvador pregado na cruz; e o da esquerda o descendimento da mesma cruz.

D'estes infantes, D. João e D. Isabel, descende a maior parte dos soberanos da Europa, por sua filha D. Isabel, que foi rainha de Castella, mulher de D. João II, paes de D. Isabel, *a Catholica*, rainha de Castella, da qual procede a actual familia imperial da Austria, que se póde considerar como tronco de várias outras familias reinantes.

Finalmente, no quarto arco está o sepulchro do infante D. Fernando, mestre da ordem de Aviz, que por sua morte entre ferros, ao cabo de penoso martyrio em longo captiveiro, é appellidado o *infante santo*.

A frente do tumulo é adornamentada com ramagens e fructos, e dois escudos, um com o seu brazão, que differe dos de seus irmãos em estar assente sobre a cruz floreteada da ordem de Aviz; o outro com a cruz d'esta mesma ordem de cavallaria.

A nossa gravura mostra todo o arco e tumulo do infante D. João, ametade dos do infante D. Henrique, e uma pequena parte dos do infante D. Fernando.

Nas paredes dos lados de oéste e éste abrem-se oito arcos, quatro em cada uma, e em tudo eguaes aos da parede do sul, onde estão os tumulos dos infantes.

Eram destinados estes dois arcos para receber outros tantos mausoléos de pessoas reaes, porém não foram aproveitados para esse fim, não obstante ficarem depositados na egreja e na casa do capitulo os corpos de vários soberanos e principes por não terem sepulturas proprias. Foi causa d'isto a fundação do jazigo real por detraz da capella-mór, que por não chegar a concluir-se se chamam *capellas imperfeitas*.

Como ficassem devolutos os ditos arcos, dispozeram altares nos quatro de éste, e armarios nos outros quatro da parte de oéste; correspondendo a cada tumulo um altar e um armario, isto é, cada altar tinha pintado no retabulo o santo da particular devoção do infante cujo mausoléo lhe ficava em correspondencia; e os armarios guardavam os paramentos e alfaias necessarias para a celebração dos officios divinos nos altares a que pertenciam.

Hoje, porém, nada d'isto existe. Altares e armarios foram destruidos pelos francezes, na invasão de 1810, de maneira que poucos vestigios deixaram. Nos altares havia algumas boas pinturas que eram attribuidas ao Grão-Vasco; e nos armarios admirava-se preciosa obra de talha relevada, com muita diversidade de esculpturas, entre as quaes avultavam as divisas, emblemas e letras do infante a que o armario pertencia.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

CANDIDO LUSITANO

(PADRE FRANCISCO JOSÉ FREIRE)

(Vid. pag. 193)

II

O germen do talento, fecundado e desenvolvido pela applicação estudiosa, anticipára em Freire os seus fructos mais cedo do que era de esperar, mórmente n'aquelle tempo. Foram primicias de seus trabalhos, antes de completar dezoito annos de edade, algumas peças dramaticas, por elle vertidas do italiano, e que em 1737 se representaram nos theatros de Lisboa, sem que comtudo se imprimissem; e pouco depois o poema latino *Plausus Tagi*, dado á luz aos vinte annos, no de 1739. Esta e outras composições na mesma lingua, com que successivamente veiu a publico, se não tinham todo o merecimento preconisado nas qualificações apaixonadas de censores, que a amizade ou a benevolencia convertêra em panegyristas, revelavam ainda assim os dotes do engenho, e eram documentos de progresso não vulgar em annos tão verdes.

No *Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas*, sua primeira composição em lingua portugueza, impresso em 1742, e seguido após curto intervallo de outros escriptos do mesmo genero [1], começou a mostrar que não fôra n'elle infructifera a lição dos bons auctores classicos, e que diligenciava subtrahir-se ás influencias do gosto degenerado, que ainda predominava entre nós n'aquella quadra. O estilo gongoristico, inchado e ridiculamente conceituoso dos contemporaneos, divisava-se n'essas composições substituido, ao menos em parte, por outro menos hyperbolico, e de certo mais fluente e natural.

Como primeira manifestação de seus louvaveis desejos no intuito de promover com boas doutrinas elementares, em escriptos e tratados didacticos, a instrucção da mocidade nos diversos ramos das bellas-letras, deu á luz em 1745 o *Secretario Portuguez*. Era um trabalho de innegavel proveito, e para nós inteiramente novo. O bom acolhimento com que foi recebido é attestado pelas repetidas edições por que passou. Com elle abriu seu auctor o passo a tantas outras obras que successivamente emprehendeu com egual proposito, não poupando diligencias e esforços para converter em utilidade publica o fructo de seus estudos e variada erudição.

Ao *Secretario Portuguez* seguiu-se de perto, em 1748, o *Methodo breve e facil para estudar a historia portugueza, formado em taboas chronologicas*. Exemplificadas segundo a doutrina e opinião do celebre Lenglet du Fresnoy, e reconhecidamente mui proprias para auxiliar a memoria, estas taboas não lograram, comtudo, mais que uma só edição. O livro tornou-se raro, e pouquissimas vezes apparece hoje no mercado.

Como critico, começou Freire a distinguir-se nos opusculos que com os titulos de *Carta Apologetica* e *Vieira Defendido* publicou (sem declaração do nome) em 1744 e 1746, concernentes a mostrar a sem-razão e incoherencia dos que de força pretendiam attribuir ao famoso P. Antonio Vieira a paternidade da *Arte de Furtar*. Se houvessemos de subscrever ao que a tal respeito expendeu, ha annos, uma penna auctorisada, o incontestavel triumpho que alcançou n'esta polemica, seria, comtudo, devido menos á solidez e valentia dos seus argumentos, que á bondade da causa, e á debilidade do contendor com quem teve de luctar.

Outras controversias mui mais importantes e de maior alcance se agitavam por este tempo em Portugal no campo das letras, e traziam entre si divididos os animos e discordes os pareceres. Tratava-se não menos que da reforma geral dos estudos, tal como a concebêra e proclamára desde Roma o illustre Verney no seu *Verdadeiro Methodo de Estudar*. Pretendia-se que Portugal cessasse de apresentar uma especie de anachronismo aos olhos da Europa culta. O empenho era nobre, mas a realisação difficil pelo muito radica-

[1] O catalogo ordenado e completo das numerosas e variadas producções em prosa e verso, tanto impressas como ineditas, de Francisco José Freire, não é para este logar. Achal-o-hão os curiosos em o nosso *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II, de paginas 405 a 441, colligido e ampliado de outro que, em 1842, publicára o sr. conselheiro J. H. da Cunha Rivara, á frente da edição feita n'esse anno das *Reflexoes sobre a Lingua Portugueza* do nosso auctor. Ao que n'esse catalogo deixámos descripto, póde agora accrescentar-se, que ha poucos mezes descobrimos e temos em nosso poder uma comedia inédita de Freire, até hoje desconhecida, que se intitula: *O Marido avesso da Mulher*, em dois actos e em prosa. E autographa, e tem a data «1768». Encontrámos tambem com o seu nome mais quatro odes, a diversos assumptos, as quaes, posto que já publicadas no volume *Collecçao de Obras Poeticas dos melhores Auctores*, impresso no Porto em 1789, haviam saido anonymas.

dos que se achavam os abusos. A apparição do *Verdadeiro Methodo* servíra como de toque de rebate; a elle acudiram os bandos oppostos, e travára-se entre os campeões das novas idéas e os seus antagonistas uma renhida peleja, que durou por alguns annos, até que os anti-reformadores, desalojados successivamente das posições em que se entrincheiravam, tiveram de abandonar de todo o campo aos mandados imperativos do marquez de Pombal.

O nosso Freire não foi, por certo, dos ultimos em tomar parte n'esta cruzada litteraria, alistando-se entre os propugnadores da reforma, posto que de suas doutrinas dissentisse em alguns pontos. Na sua *Arte Poetica*, impressa pela primeira vez em 1748, confessa elle dever ao auctor do *Verdadeiro Methodo* o fervor e estudo com que proseguíra na empreza d'esta composição, já d'antes intentada, mas que por outros estudos havia abandonado. Seguindo n'esta obra em grande parte o tratado de Muratori, *De la perfeta Poesia*, e fundando-a sobre as regras e dictames de Aristoteles, de Horacio, de Longino, e do que os modernos haviam escripto de melhor áquelle tempo, manifesta claramente quanto se desagradava dos vicios que por então grassavam na litteratura patria. Parece, comtudo (segundo a judiciosa observação de um nosso illustrado critico), «que elle, como outros mestres do seu tempo, estava com toda a sinceridade do seu coração convencido de que a escrupulosa observancia das regras classicas, que se tratava de resuscitar, bastava por si só para formar poetas, oradores e escriptores de consummado gosto em todos os ramos das bellas-letras, e que nas regras havia um condão capaz de supprir o proprio engenho.» Elle, e os que assim pensavam, como que se esqueciam dos termos em que o mesmo Horacio, com o seu bom siso, deixou para sempre decidida essa debatida questão:

«*Natura fieret laudabile carmen, an arte,*
Quaesitum est: ego nec studium sine divite vena
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amicè.»
(*Ad Pison.*)

«Hoje, para qualquer principiante é doutrina corrente, que as regras não criam o genio; mas ao mesmo tempo bom é não esquecer que com ellas se lhe podem corrigir os erros, e embargar o passo a seus extravios.»

Havia Freire abraçado o estado ecclesiastico, e adquirido a protecção de D. Thomaz de Almeida, primeiro cardeal patriarcha de Lisboa, em cujo serviço entrára na qualidade de gentil-homem. Dotado como era de talento, e de uma probidade irreprehensivel e costumes exemplares, poderia, sem dúvida, mediante o patrocinio do prelado, aspirar a uma collocação mais brilhante na hierarchia ecclesiastica, se motivos que nos são occultos o não levassem a seguir outra vereda. Desgostos de qualquer especie, ou desenganos do mundo, lhe inspiraram o desejo de passar da vida secular para a claustral, deixando o serviço do prelado, com as vantagens que d'elle poderia razoavelmente esperar.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Vid. pag. 207)

IV

Principiou a missa, não antes que apparecessem os donos da quinta, diante dos quaes se desviaram respeitosamente os camponezes, deixando-os ir occupar as suas cadeiras, unicas da egreja, collocadas na frente e a distancia respeitavel do povo, que preferia atropellar-se, pisar-se, amontoar-se no fundo da ermida, a transpor os limites marcados pelo respeito devido a tão altos e poderosos senhores.

Já levantára a Deus, e o sineiro, que subíra de novo ao seu observatorio, e traduzíra, em pontapés applicados aos gaiatos que lhe ficaram mais a geito, e que fugiram em debandada pela escada a baixo, o famoso *Quos ego*... posto por Virgilio na boca de Neptuno, e o sineiro, como iamos dizendo, já annunciára com as graves badaladas do estilo a realisação da ceremonia augusta, quando entrou na egreja um homem que produziu nos assistentes um certo reboliço.

O trajo não indicava, comtudo, pessoa de classe superior á dos camponezes. Apenas algumas leves differenças mostravam que o recem-chegado não era do sitio, e pertencia antes á turbulenta povoação de Oeiras ou de S. Domingos de Rana. Era homem de bella presença, e que devia ter sido varonilmente formoso. Dizemos «devia ter sido» não porque fosse velho, mas porque parecia que precoces infortunios lhe haviam devastado a physionomia. Era magro, quasi esqueleto, e horrivelmente macilento. O bafo ardente de alguma procella intima crestára-lhe as rosas que a saude e a mocidade haviam feito florir nas suas faces. O fulgor dos seus olhos pardos e rasgados extinguíra-se, de certo, afogado em torrentes de pranto; e, comtudo, de quando em quando, fusilava-lhe um relampago na pupilla, relampago que breve se apagava, ultimo arranco d'essa tormenta que indicámos, exhalação expirante de um volcão de paixões que lhe fervêra no peito, e cuja lava deixára vestigios bem sensiveis no seu rosto, como dissemos, descarnado e macilento.

Estas particularidades, comtudo, que bastariam para despertar a curiosidade do leitor de romances, não produziriam, de certo, o mesmo effeito no animo singelo e pouco poetico dos ribatejanos. Quando muito, alguem suspeitaria que aquella pallidez e aquella magreza eram indicios seguros de lhe ter caído a espinhela, e no fim da missa lhe iria caritativamente ensinar a casa da tia Marianna, a qual, apesar de ser bruxa, ou talvez por isso mesmo, não conhecia competidora na arte de levantar espinhelas e esconjurar mau olhado, que ás vezes ella deitava, não, como se poderia suppor, para imitar a lenda homerica da lança de Achilles, mas para augmentar os seus proventos por esse meio pouco louvavel.

Mas, apesar d'isso, a sensação continuava, e revelava-se cada vez mais profunda. Os homens cochichavam entre si e deitavam para o recem-vindo olhares de revez; as mulheres segredavam, e deitavam para o mesmo lado olhares de compaixão. A propria dona da quinta houve por bem relancear os olhos para aquelle sitio, e o capellão, ouvindo atraz de si um reboliço desacostumado, voltou ao de leve a cabeça.

O estranho nem pareceu dar pela attenção e curiosidade de que era objecto. Ajoelhou a um canto da egreja, e começou a rezar com um fervor que lhe coloriu ligeiramente de novo as faces pallidas, ou antes lividas. Depois o peito arfou-lhe com violencia, lagrimas como punhos saltaram-lhe dos olhos e deslisaram pelo rosto arado pelo soffrimento. Bemdito orvalho este o dos prantos! Consolação ineffavel! Balsamo do ceo com que se alliviam as dores mais pungentes, e se lavam os remorsos mais excruciantes.

Seriam dores simplesmente, ou seriam remorsos tambem o motivo que desfiava no rosto do pobre aldeão essas perolas que elle fôra colher, de certo, ao fundo d'esse golfão da desgraça?

É o que vamos saber, se, deixando os aldeãos persignarem-se, curvarem o joelho ao altar e saírem lentamente da egreja, ficarmos escondidos no templo onde só está agora, absorto na sua prece, o heroe d'este pequenino conto.

V

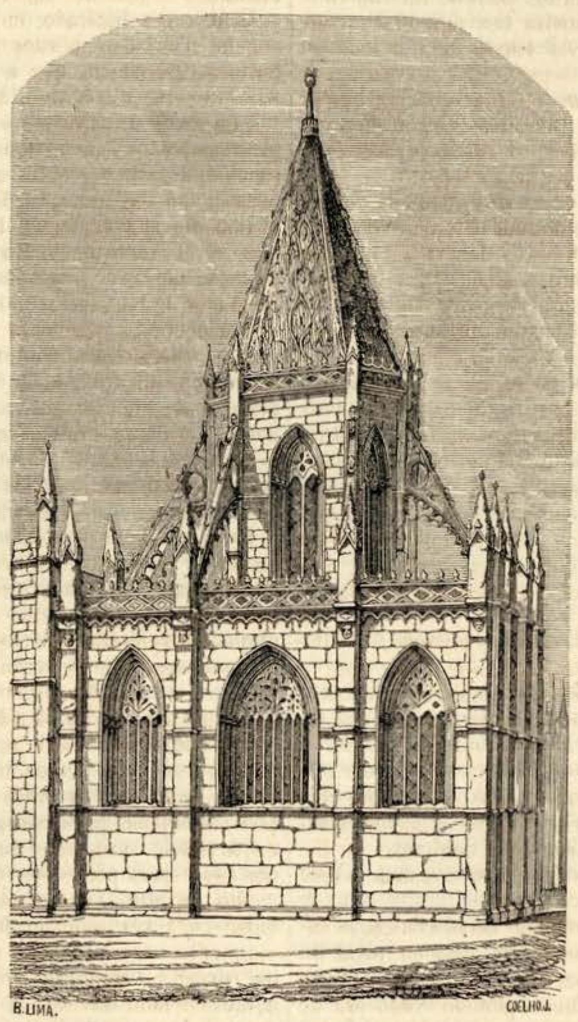
Ficou talvez dez minutos o templo silencioso. No adro haviam recomeçado as libações, e os tremoços continuavam a desapparecer nos amplos estomagos dos ribatejanos. Mas, como é facil de suppor, a conversação mudára de assumpto. Já se não fallava nem nas colheitas, nem nas vindimas, nem no bruxedo, nem nas feiticerias. Segundo parece, o recem-vindo era já conhecido n'aquelles arredores, e a grave questão que preoccupava todos os animos versava sobre qual seria o motivo que o fizera voltar ao sitio depois de longa ausencia. Os Nestores eram consultados a esse respeito, mas contentavam-se de responder meneando a cabeça com ar mysterioso, que na realidade queria dizer que sabiam tanto como os que os interrogavam, mas que faziam suppor aos camponios que os sabios aldeãos já tinham adivinhado tudo, graças á sua rara perspicacia, mas que entendiam não dever communicar o resultado das suas meditações á turba ignara, que os cercava com respeito.

Por isso ainda mais augmentava a consideração por esses oraculos da tribu.

Já se vê que em toda a parte ha estadistas d'esta laia!

Entretanto, dentro da egreja continuava o homem, que era objecto das palestras do adro, a chorar e a rezar.

Estava absorvido por tal maneira no seu scismar, que nem sentiu os passos do capellão que voltava da sacristia, e que caminhava para elle com curiosidade. Estremeceu, como um homem que desperta, quando o padre lhe tocou ao de leve no hombro, e levantou os olhos.


Exterior da capella do Fundador, representada antes do terremoto que lhe derrubou a cúpula

— Meu filho, disse o capellão com meiga voz, custa-me distrahil-o das suas preces, porque eu sei quanto a oração consola, e folgo tambem de ver esse fervor religioso que o faz esquecer-se do mundo real. Bem quizera eu podêl-o deixar embebido n'esse doce extase; mas, meu filho, está a egréja deserta, o sacristão quer-se ir embora, e não o póde fazer sem levar as chaves. Desculpe-o, coitado, e condescenda com elle. O pobre homem tem familia, e não desgosta de passar com ella um pedaço do dia do Senhor. Vamos, vamos.

— Tenha paciencia, senhor capellão, respondeu o homem com voz triste. É verdade; tinha-me esquecido do sitio onde estava e do que viera aqui fazer. Mas tambem, senhor, quando um homem póde desafogar um pouco, e consolar os amargos da vida com estas lagrimas que parecia não quererem sair nunca dos olhos abrazados, sente um allivio, um allivio tão grande... Digo-lhe de novo, senhor capellão, tenha paciencia, e desculpe-me estas coisas. Eu vinha aqui procural-o.

— A mim?

— Sim, senhor. Queria que me ouvisse de confissão.

A physionomia do padre, doce e benevola, tomou um aspecto grave.

— Meu filho, disse elle, é minha obrigação ouvil-o, e, comtudo, não me posso esquivar a fazer-lhe uma advertencia. Da missão do padre é esta a mais sublime e a mais espinhosa porção; penetrar nos mais intimos segredos, consolar as dores mais occultas, sondar e cerrar ás vezes as ulceras mais vergonhosas. Medicos da alma, é nosso dever corrermos, como os do corpo, em auxilio de quem nos chama, e não trepidarmos diante das emprezas mais difficeis. Mas, meu filho, tanto maior é o dever, tanto maior é a responsabilidade. Julga que um medico ainda novato deva acceitar a missão de curar um doente victima de uma d'essas doenças dolorosas, cujo tratamento requer longa experiencia e consummada habilidade? Não cumpria melhor o seu dever, esquivando-se apparentemente a cumpril-o, e indicando ao doente facultativo mais perito? Pois bem, meu filho, sou um pobre sacerdote que entrou ainda ha pouco n'esta espinhosa estrada. Deus ha de me dar forças para cumprir a minha missão, ha de me robustecer o corpo que por ora fraqueja, ha de me firmar o passo que por ora vacilla. Mas ainda estou longe de conseguir esse ideal a que aspiro. A batina do sacerdote encobre ainda um peito retalhado pelas fraquezas do mundo. A minha fronte, coroada de negros cabellos, ainda a humedece o suor da agonia. Quanto tempo será necessario para eu revestir a coiraça de luz, gelar a fronte ardente, e, morrendo para o mundo, reviver para o ceo? Não o sei; sei apenas que mal póde dar consolação quem precisa de ser consolado. O seu aspecto revela um homem que padeceu muito, e que tem na vida alguma d'essas dores que rasgam abysmos, onde só se podem fitar as vistas tranquillas do sacerdote austero encanecido na virtude, e não os meus olhos ainda obscurecidos, devo confessal-o, pelas sombras das paixões mundanas. Abri-lhe o meu coração, meu filho; disse-lhe francamente quem eu era e quanto podia. Agora reflicta. D'aqui a meia legoa, talvez, fica a freguezia de Alcanede. Dirija-se ao prior, que é um santo varão que está na graça de Deus. Urna perfumada de virtudes, póde derramar fragrante balsamo nas suas feridas. O mel com que eu procurasse dulcificar-lh'as teria por força o travo das minhas amarguras. Pense e decida.

O estranho reflectio um instante, e depois, meneando a cabeça:

— Meu padre, eu sou um pobre homem que mal

sei ler e escrever, e por tanto ha de desculpar os desacertos que eu disser. V. rev. explicou-me, segundo me parece, que soffre tambem, e que não se sente com animo de consolar os outros. Infelizmente, meu padre, eu não preciso de consolações, preciso de indulgencia, e parece-me que, visto que padece, mais disposto estará a têl-a. Na sua edade, meu padre, e desculpe estas coisas de um pobre saloio que não entende mais, na sua edade e na sua profissão não é difficil adivinhar quaes serão os seus soffrimentos. São os do amor, de certo; melhor comprehenderá e perdoará os crimes que o amor me fez commetter.

Ouvindo a palavra «amor», os olhos do ecclesiastico fulguraram repentinamente, mas esse fulgor depressa se apagou, e o capellão não fez mais do que menear a cabeça com melancolia.

— Além d'isso, continuou o estranho tristemente, não estou muito seguro de que possa chegar a Alcanede com vida e saude. Devora-me a febre, meu padre, e isto está a decidir.

— O que! sente-se mal? — tornou o capellão aproximando-se d'elle com empenho caritativo, mas então é necessario chamar um medico!

— Depois trataremos d'isso; mas o melhor remedio será o alliviar o peito do peso que me opprime. Ha tanto tempo que estas recordações me pungem e me ralam!

O padre inclinou-se em silencio, disse ao sacristão que elle fecharia a egreja, e, dirigindo-se a um confessionario, sentou-se e obrigou tambem o penitente a sentar-se, porque a sua muita fraqueza não lhe permittia conservar-se de joelhos.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

RELATORIO ANNUAL DA ESCHOLA CASAL RIBEIRO

Para não protrahir por mais tempo a publicação d'este excellente relatorio, já demorado pela preferencia de outros escriptos anteriormente recebidos, tomámos o arbitrio de extrahir apenas o que bastasse para dar noticia dos progressos d'esta eschola exemplar, devidos em grande parte á pericia e zêlo do seu inspector, o nosso amigo e collaborador C. J. Caldeira.

Os professores de instrucção primaria tem n'este relatorio um modêlo para lhes servir de norma, quando hajam de dar conta ao governo do estado das suas escholas. Tudo quanto é indispensavel para se julgar do aproveitamento dos alumnos, segundo a sua frequencia, e o melhor meio de examinal-os, se achará n'este minucioso relatorio.

Vae precedido da notavel carta que ao auctor escreveu o sr. Castilho.

Sr. Carlos José Caldeira, meu bom e respeitavel amigo: — Recebo a carta com que v. me honrou, datada de 21 do corrente maio, assim como em tempo havia recebido o obsequioso convite de v. para assistir á distribuição de premios na exemplarissima eschola Casal Ribeiro.

Antes de mais nada tenho de supplicar a v. perdão de não haver apparecido n'essa grande festa de tanta satisfação para todos, e para v. de tanta gloria tambem. Um defluxo teimosissimo, sobre tudo incommodo, e que ainda me dura, impossibilitando-me quasi de ouvir, foi o que me impediu.

Eu tencionava, logo que me sentisse melhor, ir procurar a v. para lhe dar esta explicação, impetrar o seu indulto, e felicital-o pelo augmento que de anno para anno vão tendo os fructos da sua perseverante, da sua heroica diligencia. Como, porém, o meu aborrecido impedimento se vae protrahindo, nem sei ainda quando acabará, de tudo isso me desempenho pela presente carta.

A leitura do excellente discurso e relatorio com que v. coroou a solemnidade da distribuição dos premios, no remate d'este anno lectivo, fez-me sentir bem devéras o não ter podido eu ser n'esse acto um dos muitissimos applaudidores de v. É um escripto são e honrado além de elegante, cheio de luz e calor por toda a parte, e que não tem de contribuir pouco, segundo espero, para que as prestadias verdades tocantes á instrucção, moralisação e felicitação do povo se continuem a desenvolver, como tanto e tanto se necessita.

Tem v. a bondade de pedir o meu voto sobre se sim ou não conviria supprimir-se na publicação certa parte d'esse papel, que a muito prudente cautela de v. entendeu dever omittir na recitação.

Vejo boas e fortes razões por uma e por outra parte; mas confrontando-as sisuda e desapaixonadamente umas com outras, confesso achar maior peso nas que persuadem a eliminação d'essas breves linhas.

Não são já poucas, nem pequenas, as difficuldades que se alevantam constantemente pela prôa da instrucção popular. N'esta mareação todo o tento é pouco. V. que tem sempre ido com tão boa mão ao leme d'essa eschola, que aliás poderia já ter sossobrado, deseja antes, sem nenhuma dúvida, carear-lhe bons ventos do que travessías. Não dêmos nós pretextos a gente malevola. Do mal que fizerem, do bem que deixarem de fazer, e até d'aquelle que impedirem, fique só para elles toda a responsabilidade. Deixemo-lhes a gloria pouco invejavel de terem sido maus sem nenhuma provocação.

Este é o meu voto sincero como v. o deseja, o pede e o merece.

Agradeço tambem a v. o ter-me enviado o discurso que foi recitado no nosso grande dia, pelo digno filho da eschola normal, Luiz da Costa e Sousa, mancebo que já se deveria achar regendo uma cadeira, mas que ainda não souberam aproveitar.

Quanto não andâmos ainda longe do bom caminho!

Finalmente, recebi e agradeço os exemplares com que v. me brindou da minha carta ao nosso Silva Tullio, sobre a distribuição de premios no anno passado, mandada agora reimprimir pelo cuidado de v. , a quem nada esquece do que póde, pouco ou muito, contribuir para afervorar vontades em favor do arroteamento da alma popular, isto é, em favor da politica radical e verdadeira das nações.

Quando isto, que nós já vemos tão claramente, acabar de ser entendido pelos poderosos (que por em quanto nem ainda começaram), então é que, olhando-se para o passado, e vendo-se n'elle os esforços que v. hoje está fazendo, se ha de confessar e pregoar, para exemplo e incentivo, que os verdadeiros grandes homens d'esta era não foram tanto os que brilharam ao sol pelas eminencias sociaes, como os que lidaram de dia e de noite obscuros, desprezados, esquecidos no fundo das pedreiras em que se estão desbastando os solidos alicerces para o mundo novo.

Então, mas tarde, é que a virtude de v. ha de ter o seu premio terrestre, como já hoje tem o da consciencia, e algum dia ha de lograr os que o Pae Commum reserva, sem falta, para os que amaram e serviram.

De v. etc. Lisboa, 22 de maio de 1865 — *A. F. de Castilho.*

É concluido o 5.º curso da eschola Casal Ribeiro.

Para não fatigar a attenção do illustre auditorio, resumirei n'este anno os pormenores e dados estatisticos que tenho apresentado nos relatorios precedentes, reduzindo-os a um mappa que faz parte d'este relatorio, para poder ser examinado pelos que exer-

cem funcções do ensino, e pelos que se interessam mais particularmente no assumpto.

Menciono, pois, sómente os seguintes resultados geraes:

Abriu-se a matricula do curso de 1864 com 43 discipulas. Entraram 23 durante o anno, e saíram 18. Fechou o curso com 48.

Houve 206 dias uteis de eschola.

A relação das faltas para as frequencias é de 11,8 para 29,7 ou proximamente uma falta em cada tres frequencias.

No curso precedente a relação analoga foi de quasi uma falta por duas frequencias.

Este resultado é satisfactorio, e como tem sido progressivo nos diversos cursos, mostra que ha tendencia para diminuição das faltas, que tanto prejudicam as escholas publicas de instrucção primaria.

Creio que além dos meios directos e indirectos que tenho empregado para obter melhor frequencia, meios que estão mencionados nos anteriores relatorios, tambem contribuiram as paternaes mas vehementes exhortações que o meu amigo, e de nós todos, o sr. Silva Tullio, dirigiu o anno passado aos paes e mães de familias, quando aqui nos reunimos para a distribuição dos premios.

Julgo mais, que a melhoria das frequencias tambem deriva das diligencias, e da persuasão das vantagens do ensino, que no seio das familias e na cadeira da verdade, tem empregado o digno prior da freguezia do Beato, o reverendo Justino Teixeira Guedes, que continuou e continúa a ensinar a doutrina christã na eschola, uma ou duas vezes por semana, além das lições diarias que todas as alumnas ordinariamente recebem n'esta disciplina.

Estes bons exemplos, se fossem com perseverança seguidos pelos parochos, augmentariam de certo a frequencia e aproveitamento nas escholas primarias.

Em 5 de fevereiro ultimo houve os exames annuaes. Propozeram-se a elles 35 alumnas, mas faltaram 5. Foram examinadores os srs. José Antonio Simões Raposo, José Jorge da Silva Teixeira, Francisco Adrianno de Faria, Luiz Antonio da Silva Gonçalves, Manuel Maria Ricardo Corrêa, João Frederico Tello Mexia, José Lopes Pacheco, e José Bernardes Junior. Todos alumnos-mestres da eschola normal, os quaes, com a devida e obsequiosa auctorisação do seu director, o sr. Luiz Filippe Leite, se prestaram a estes exercicios, tão proprios da sua profissão, desempenhando-os com o zêlo e intelligencia que sempre tem manifestado em analogas occasiões.

Formaram-se quatro mesas de exames, que foram inspeccionadas pelos distinctos professores os srs. José Joaquim Serra e Antonio Maria Baptista.

O menino Tancredo Caldeira tambem examinou algumas das alumnas menos adiantadas.

Das 30 examinadas, foram-o nas seguintes disciplinas: em leitura por elementos, 13; em leitura corrente, 16; em escripta na pedra, 6; em escripta no papel e dictada, 19; em doutrina, 30; nas quatro operações de arithmetica, 23; em decimaes e quebrados, 6; em systema metrico, 6; e em grammatica, 4.

Nas apreciações avultam as melhores. Em 130 notas houve 41 optimos e muito bem, 48 bem, 38 sofriveis, e só 3 maus.

As quatro examinadas em grammatica foram as alumnas Cecilia Adelaide da Purificação Marques, Agueda Custodia dos Anjos Casse, Joaquina Maria da Purificação Alvaro, e Maria da Madre de Deus Oliveira. O exame, rigoroso e demorado, foi feito pela *Grammatica Nacional* do sr. Caldas Aulete.

As examinadas deram tão distinctas provas de intelligencia e applicação n'esta disciplina, que maravilharam os circunstantes, não menos que os examinadores, os srs. Faria, Teixeira e Raposo, alumnos-mestres, e os ditos professores, os srs. Serra e Baptista.

O sr. Raposo, mui distincto alumno-mestre, foi quem as leccionou poucos mezes, com a benigna permissão do sr. Luiz F. Leite. O adiantamento e solida instrucção que patentearam as discipulas são o melhor elogio que se póde fazer ao preceptor.

Estas alumnas são as que, ha quasi dois annos, esperam admissão na eschola normal do sexo feminino, para o que já nos anteriores exames os professores as julgaram muito habilitadas.

Pena é que a dita eschola esteja ainda cerrada, contra a geral espectativa, e com prejuizo da educação publica. Mesmo sem o curso da dita eschola normal, entendem os apreciadores competentes que estas alumnas estão no caso de bem desempenhar o logar de ajudantas de mestras em qualquer estabelecimento de educação.

A prática que tem de ensinar as suas condiscipulas, coadjuvando as sras. professoras, tem-lhes servido de tirocinio para o professorado, cujo mister se porpõem seguir.

O merito especial d'estas discipulas é tambem excepcionalmente recompensado com a concessão de diplomas, á similhança do que já se praticou no anno ultimo; diplomas que lhes vão ser agora entregues, e que foram obsequiosa e primorosamente caligraphados pelo referido sr. professor Serra.

São assignados por todos os srs. examinadores em grammatica.

Recebam-n'os e conservem-n'os ellas como preciosos documentos da sua applicação e amor ao estudo, e dos desvelos que merecem a esta eschola. Juntem-n'os aos que já possuem, para lhes servirem de constante estimulo ao progresso e aperfeiçoamento das suas habilitações.

Tambem são dignos de particular menção os exames em doutrina. Nas 30 examinadas, apenas uma houve com a designação má, predominando os optimos e bons. Na quaresma do anno ultimo confessaram-se 35 alumnas e commungaram 22.

Hei tido especial cuidado em promover o ensino da doutrina, e os costumes religiosos, ao que em algumas escholas se não dá a devida importancia e attenção, apesar de ser a parte mais essencial da educação da infancia. Sei que é no lar domestico que mais natural e facilmente a podem e devem adquirir; mas já no precedente relatorio expuz quanto n'esta localidade os chefes de familia são, em geral, descuidados n'este ponto, do que continúa a haver lastimosos exemplos.

Quando em maio do anno ultimo estiveram dois missionarios n'esta freguezia, prégando e ensinando doutrina á infancia, entre os rapazes que elles, pela sua affabilidade e diligencia attrahiram á egreja, a maior parte ignorava as triviaes noções religiosas, e alguns de 14 a 15 annos nem benzer-se, nem o Padre Nosso sabiam!

As discipulas d'esta eschola foram com as suas professoras assistir ás missões, e tendo em doutrina sido examinadas pelos missionarios, acharam-n'as aptas, e 13 d'ellas promptas para a communhão que effectuaram em um dos dias d'aquelle mez.

Reunidas na egreja da Madre Deus, todas as educandas d'alli saíram em procissão, entoando canticos. As destinadas á communhão iam vestidas apropriadamente de branco, cintos azues, véos e grinaldas de flores. Acompanhavam-n'as os reverendos parochos e missionarios, as sras. professoras, várias pessoas das familias das alumnas, e outras. Chegadas á egreja parochial, um dos missionarios, o reverendo padre Monteiro, fez junto á pia do baptismo um breve discurso allusivo á solemnidade do acto que ia seguir-se.

Terminada a sagrada communhão e a missa, outro

missionario, o reverendo padre Rademaker, subiu ao pulpito, e, n'uma oração que a todos commoveu, figurou a entrega das meninas a seus paes.

Regressaram depois á eschola, onde almoçaram.

Hoje repetiram-se os mesmos actos na egreja da Madre Deus. Foram 14 as alumnas que commungaram pela primeira vez.

O sr. padre Rademaker prestou-se a realçar esta solemnidade com suas praticas dirigidas ás meninas. Aqui o vêdes acompanhando as alumnas que commungaram, e conservam ainda as candidas vestes que levaram ao templo.

Digne-se o mesmo senhor acceitar de mim e d'ellas os agradecimentos que merece pelo obsequio feito á eschola, e pelos serviços que tem prestado e presta, com seus companheiros nas missões, a favor da boa instrucção e educação popular.

Estão patentes várias obras de costura e lavores. São 61 ao todo; 30 foram julgadas optimas, 22 boas, e 9 soffriveis.

As classificadoras foram as sras. D. Maria Isabel Emauz Magalhães, D. Amelia Costa, D. Joanna Machado, D. Gertrudes Caldeira, e quatro senhoras professoras oblatas, que se destinam para Macau. Os bordados em tapeçaria de lã e vidrilhos mereceram particular attenção e louvor.

Outras peças de costura e lavores se fizeram, que já foram entregues. Produziram 15$880 réis; quantia superior á do anno ultimo, por egual proveniencia. Continuou, porém, a faltar trabalho, apesar de minhas reiteradas solicitações ás senhoras que costumam concorrer a este acto, e a outras.

O producto das costuras vae ser distribuido com os premios, que são 32, pelos varios titulos por que costumam ser conferidos.

Os premios provém dos donativos seguintes:

60 lenços de seda e 10 leques de pessoas residentes em Macau, por mão do reverendo padre J. J. Affonseca e Mattos, professor do seminario d'aquella cidade.

14$400 réis do reverendo padre Bernardino Amaro dos Santos, residente no dito seminario; 4$500 réis, donativo do sr. João Severo Baptista, negociante macaista, quando visitou este collegio; 1$400 réis da sra. D. Anna Cid, feitio de um bordado que fez para a eschola.

12 livros, *Mimos á Infancia*, encadernados, do sr. Emilio Achiles Monteverde; 6 *Grammaticas Nacionaes*, do sr. Caldas Aulete; 4 medalhas de prata, 4 de marfim, e 4 estampas religiosas, da sra. Casal Ribeiro.

Do sr. Castro Irmão, 1 exemplar encadernado do *Archivo Pittoresco*, 14 livros proprios para eschola, e 10 estampas do convento da Batalha.

Da benemerita *Sociedade Medrépora*, o costumado volume do *Archivo;* e do sr. Joaquim José Boaventura Alves, duas estampas arrendadas.

Do sr. Casal Ribeiro, 2 jogos do *Diccionario de Roquete*, a *Cruz nos Dois Mundos*, *Contos sem Nome*, e *Horas de Paz*, encadernados, e 5$000 réis, parte do custo das vestes que as alumnas levaram á communhão.

O resto foi supprido pelo inspector da eschola.

O sr. Castro Irmão imprimiu gratuitamente 300 exemplares do relatorio do curso de 1863, precedido pela primorosa carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho, na qual tantos e tão bons alvitres ha a bem da instrucção popular. Oxalá que tão substancial escripto do eximio philosopho e poeta, nos haja, servindo-me de uma das suas bellas imagens, afastado das geladas e espessas trévas da ante-manhã, para breve divisarmos o arrebol do dia novo da educação da infancia.

O facultativo sr. José Antonio Ramos continuou com a mesma benevolencia no serviço sanitario da eschola.

O sr. Antonio Maria Baptista veiu por vezes ensaiar as alumnas nos hymnos da manhã, dos premios e da saída da aula, que hoje temos ouvido.

Os directores da fabrica do tabaco em Xabregas facultaram, como de costume, a compra da sopa economica que se dá de refeição ás alumnas, mandando-a entregar na eschola.

O senhor Diogo de Brito e Cunha prestou estas salas, para com mais commodidade se fazer a distribuição dos premios.

O cavalheiro que já nos dois precedentes annos brindou anonymamente as srs. professoras e as suas discipulas, enviou-me esta manhã 12$000 réis para o mesmo fim; e agora mesmo recebi 4$500 réis de outro cavalheiro aqui presente, para serem dados ás duas meninas mais necessitadas entre as que recebem premio. Ambos me prohibiram declarar seus nomes.

Deus recompense a todos os mencionados bemfeitores.

Os donativos em dinheiro anteriormente recebidos foram empregados em panno para camisas, e outros objectos de vestuario.

Das quantias agora dadas vão ser já entregues 4$500 réis ás indicadas meninas; 6$000 réis ás sras. professoras; e os outros 6$000 réis ficam para supprimento ou concerto de calçado ás alumnas mais pobres, quando por falta d'elle não poderem vir á aula.

Dos lenços de seda enviados de Macau, como abundavam, brindei com alguns as sras. professoras e os srs. Raposo e Teixeira, que leccionaram na eschola, e com um a cada alumno-mestre da eschola normal que examinou as meninas.

Não só aos que aprendem convem o incentivo dos premios. Tambem são uteis aos que ensinam, e redundam em favor dos ensinados.

Estão patentes os costumados mappas sobre o movimento e administração da eschola. Das 18 alumnas que a deixaram, 4 foram habilitadas em leitura, escripta, doutrina, arithmetica, coser, marcar e bordar. As outras tiveram menos de um anno de frequencia, e por isso não chegaram a fazer exame, e quasi todas tinham pouca edade ou muito má frequencia. De uma das 4, sabe-se que ajuda sua mãe com trabalhos de costura. Das restantes ignora-se o destino.

Na administração escholar só ha particularmente a mencionar a mudança da casa da aula para este edificio, antigo palacio dos senhores condes da Taipa. É mais pequena que a anterior habitação, mas sufficiente e em boas condições hygienicas.

A despeza total foi 416$060 réis. Excedeu em 116$060 réis a receita de 300$000 réis do capital doado á eschola.

Tributo ás sras. professoras o merecido louvor pela sua dedicação ao ensino, bem comprovada pelos resultados obtidos, e concluo manifestando o prazer que experimento vendo honrada esta reunião com a presença de pessoas tão conspicuas. A todas agradeço, em nome d'estas alumnas, o interesse que por ellas patenteiam.

Lamento, porém, a falta do sr. Antonio Feliciano de Castilho, que nos costuma acompanhar n'esta solemnidade, tão querida sua. Ainda que ausente, a elle e ao senhor Casal Ribeiro, ambos amigos, e ambos tão a par pelo amor á instrucção popular, peço acolham os especiaes votos de gratidão das mesmas alumnas, que d'elles recebem por meios diversos, mas por commum acção, a mór dadiva que o homem póde fazer aos seus similhantes — o thesoiro inestimavel da boa educação..

Chellas, 14 de maio de 1865.

CARLOS JOSÉ CALDEIRA.